

Ensinando e Aprendendo com a História de Vida de uma Empreendedora Social.

Marcos Bidart Carneiro de Novaes

bidart@uol.com.br

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Antonio Carlos Gil

acgil@uol.com.br

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Lineu Francisco de Oliveira

lineufo@uol.com.br

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Dércia Antunes de Souza

derciaantunes@uol.com.br

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir as vantagens, possibilidades, contribuições e limitações da metodologia da história de vida como elemento para o ensino do empreendedorismo. Argumenta-se que por meio da obtenção de relatos pessoais com membros de grupos sociais específicos, pode-se aprender de forma relevante sobre o fenômeno empreendedor. O conhecimento dessas percepções, no que se refere aos seus valores, crenças, padrões de comportamento, ações e interações sociais e, sobretudo sua “visão de negócio”, é importante para o entendimento do empreendedorismo. Conclui-se com a reflexão sobre como a metodologia da história de vida deve ser avaliada em termos de ensino e pesquisa, uma vez que ela pode tornar-se um importante instrumento para o ensino do empreendedorismo. Para exemplificar esta possibilidade foi tomado o depoimento da empreendedora social Dagmar Garroux (Tia Dag), presidente da Casa do Zezinho, organização sem fins lucrativos que atende 1200 crianças e adolescentes.

1. Introdução

O empreendedorismo é um tema recorrente tanto no ensino quanto na pesquisa em Administração. Constitui disciplina específica em cursos de graduação e orientação principal de cursos de pós-graduação lato sensu, bem como área de interesse de congressos científicos de Administração. Apesar do debate sobre o tema ser intenso, quando a disciplina é ministrada para graduandos de Administração, o foco pouco varia. São abordadas geralmente questões ligadas à inovação tecnológica, incubação de empresas e à gestão de pequenas e médias empresas num ambiente caracterizado por novas formas de relações de trabalho. Ou ainda à necessidade de que, mesmo aqueles que encontrem emprego assalariado, se comportem como empreendedores dentro das organizações em que venham a atuar, com comportamento inovador e disposição para aceitar risco (intraempreendedorismo).

Em muitas faculdades, é no último ano dos cursos de Administração que os estudantes se defrontam com a disciplina Gestão Empreendedora (ou nome similar) e também com a tarefa de escrever seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Este último comumente consiste na apresentação de um plano de negócios ou um estudo de caso sobre empresa ou fato empresarial.

Para o ensino do empreendedorismo, por vezes é usada uma combinação de métodos formais e informais. Os primeiros com a função de prover aos alunos teorias e conceitos que darão suporte ao campo do empreendedorismo e avaliações formais para testar a absorção dos mesmos. Os aspectos informais teriam como foco a construção de habilidades, desenvolvimento de atributos (qualidades), aplicação das teorias aprendidas na prática do mercado e mudança de comportamento. Para isto podem-se usar métodos didáticos variados, como estudo de casos, visitas a empresas, projetos desenvolvidos em grupos, simulações, jogos, etc. (HENRIQUE e CUNHA, 2006)

Muitas pesquisas sobre empreendedorismo vêm sendo desenvolvidas pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, por órgãos da Administração Pública, por institutos de pesquisa e pelas universidades, sobretudo no âmbito de programas de mestrado e doutorado. A maioria dessas pesquisas é constituída por levantamentos, que são úteis para o conhecimento das características sócio-econômicas dos empreendedores, suas opiniões, crenças e valores e também de seu comportamento presente e passado. Também podem ser encontrados muitos estudos de caso, elaborados principalmente como produto de teses e dissertações, que contribuem para o conhecimento mais aprofundado do empreendedorismo.

Levantamentos e estudos de caso são reconhecidos como os delineamentos mais adequados para o conhecimento do fenômeno empreendedor. Mas há que se reconhecerem limitações inerentes a essas modalidades de pesquisa, sobretudo quando se considera que o conceito de empreendedorismo é dinâmico e que tende a se manifestar sob novas formas. Tanto é que já se pode falar em múltiplas modalidades de empreendedorismo, que são definidas por seu alcance social ou pelas características sócio-culturais de seus integrantes, como, por exemplo, trabalhos sobre: (1) o impacto de diferentes sistemas normativos sobre o empreendedorismo feminino (BAUGHN, CHUA e NEUPERT, 2006; AHL, 2006; LINDO *et al.*, 2007); (2) a influência da cultura sobre a atitude no empreendedorismo indígena (PEREIRA, 2003; LINDSAY, 2005); (3) empreendedorismo em comunidades rurais (JENKINS, 2005); (4) levantamentos de problemas em comunidades de pescadores (UFRJ, 2005); (5) comunidades de artesãos (OLSON, 1999); (6) características do empreendedorismo entre homossexuais, semelhanças e diferenças em relação ao comportamento de empreendedores heterossexuais (WILLSDON, 2005); (7) empreendedorismo cooperativista (THOMAS, 2004, MARTINEZ e PIRES, 2002); (8) áreas dominadas por empreendedores afro-descendentes no Caribe, como a indústria fonográfica e de espetáculos de diversões (BOXILL, 2003); (9) pedagogia empreendedora (SELA, SELA e FRANZINI, 2006); e (10) empreendedorismo social (MELO NETO e FROES, 2002) entre outros. Nestes estudos são abordados aspectos ligados à realidade social de cada grupo e à maneira de cada um deles lidar com obstáculos específicos, preconceitos e também oportunidades.

São modalidades de empreendedorismo que surgem no âmbito de segmentos socioculturais específicos ou para atender necessidades sociais bem definidas e que, por isso mesmo, requerem abordagens diferentes das utilizadas tradicionalmente pelos pesquisadores. Esta multiplicidade de abordagens reflete a diversidade cultural e alerta para o fato de que o interesse de estudantes para o tema empreendedorismo tem que ser ‘capturado’ e dirigido, conforme Bradbury (2003). Interesse que deve ter origem na realidade social dos estudantes.

Além das modalidades de empreendedorismo ligadas a segmentos socioculturais, surge a demanda por uma melhor compreensão do fenômeno ligada à diversidade de

profissões. Neste contexto, o ensino e pesquisa de empreendedorismo não constituiriam apenas uma tarefa da Faculdade de Administração e sim um tema transversal, de interesse de educadores, médicos, nutricionistas, fonoaudiólogos e qualquer outro profissional que amanhã possa vir a gerenciar seu próprio negócio. Isto tornaria necessária uma visão do fenômeno voltada para cursos e disciplinas específicas (JOHNSON, GRAIG e HILDEBRAND, 2006).

O empreendedorismo é um fenômeno que se origina das inclinações e interesses pessoais e que por esta razão pode ser melhor compreendido a partir dos relatos pessoais de empreendedores. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir as vantagens e limitações do método da história de vida, mais especificamente da técnica dos depoimentos pessoais como elemento para o ensino do empreendedorismo. Por meio da obtenção de relatos pessoais com membros de grupos sociais específicos, de culturas específicas, ou com orientações profissionais específicas pode-se aprender mais sobre o fenômeno empreendedor do ponto de vista de seus agentes. Para tanto, a presente pesquisa emprega um olhar que fuja da atitude hegemônica de cunho marcadamente objetivista, que permeia o estudo de empreendedorismo nos cursos de graduação. E para exemplificar esta possibilidade foi obtido o depoimento de uma empreendedora social de renome, a Tia Dag (Dagmar Garroux), presidente da Casa do Zezinho, organização sem fins lucrativos que atende 1200 crianças e adolescentes na Zona Sul de São Paulo.

Justifica-se a discussão deste tema pelo fato de que os estudos sobre o empreendedorismo requerem conhecimento subjetivo e intersubjetivo do processo. Interessa saber como os atores se vêem e como vêem o contexto que os cerca; o que aceitam ou rejeitam, o que valorizam ou desvalorizam e o que acham que vale ou não a pena. Dessa forma, as falas desses atores constituem elementos privilegiados para esse tipo de investigação. Sem contar que as histórias de vida podem ser tomadas como elementos estimulantes para os interessados na obtenção de conhecimentos sobre empreendedorismo. Conhecimento baseado na crença de que é necessário dar a mais pessoas a oportunidade de entrar em contato com histórias que as motivem a tomar determinadas iniciativas direcionadas por histórias que elas precisam ser incentivadas a ouvir com seus próprios ouvidos (OPPEDISANO e LAIRD, 2006).

2. Um Novo Olhar Sobre o Empreendedorismo

O empreendedor é apresentado por estudos orientados pela ideologia neoliberal como um inovador em busca de novas oportunidades, novos produtos, processos, formatos organizacionais, insumos etc. Este privilégio dado a ações individuais se deve a uma perspectiva baseada em uma racionalidade estritamente econômica e focada em atributos pessoais do indivíduo empreendedor, como autoconhecimento, controle, baixa aversão ao risco, capacidade de romper com padrões e outras. Como estes atributos estão a princípio desigualmente distribuídos na população, apenas a alguns indivíduos estaria permitido empreender. Também alinhado com a ideologia neoliberal de redução do estado e ligado a fenômenos como a flexibilização do trabalho e terceirização, encontra-se o termo empreendedorismo associado à criação e desenvolvimento de novos e pequenos negócios e à identificação e formação de proprietários-gerentes ou empreendedores-proprietários (ALBAGLI e MACIEL, 2003).

Constata-se hoje em dia interesse em estudar o empreendedorismo não só do ponto de vista individual, mas sim também do ponto de vista estrutural e de como as estruturas macroeconômicas causam impacto sobre a iniciativa e capacidade empreendedora de segmentos específicos da população. Nestes estudos são abordados aspectos ligados à realidade social de cada grupo e à maneira de cada um deles lidar com obstáculos específicos, preconceitos e também oportunidades. Hoje também se estuda como fatores estruturais

facilitam ou dificultam a formação das redes necessárias para o sucesso empreendedor (GREVE e SALAFF, 2003).

Mas constata-se também o surgimento de uma nova visão do empreendedorismo, imbricada na contracorrente dos conceitos neoliberais de globalização e dissociada da visão do mundo como um mercado global de bens e serviços. Segundo esta compreensão, empreendedorismo é também o conjunto de iniciativas implementadas por segmentos sociais excluídos, organizações, comunidades e instituições públicas em busca de “melhorias das condições de vida locais e à abertura de possibilidades para grupos sociais menos favorecidos” (ALBAGLI e MACIEL, 2003, p. 2).

O empreendedorismo tradicional, inovador ou não, é medido e testado pela sua capacidade de criar organizações com fins lucrativos, viáveis e sustentáveis ao longo do tempo. Já o empreendedorismo social deve ser testado pela sua capacidade de provocar mudança social duradoura, conforme pensamento de Alvord, Brown e Letts (2004). Trata-se de um processo caracterizado pelo aumento do nível de conhecimento e consciência da comunidade, mudanças de valores das pessoas sensibilizadas e encorajadas em sua auto-estima. Processo que estimula o aumento da participação em ações empreendedoras locais, aumento do sentimento de conexão das pessoas com sua cidade, terra e cultura, e o surgimento de novas idéias. Inclusive de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento, inclusão social, maior auto-suficiência e melhoria da qualidade de vida dos habitantes e da comunidade (MELO NETO e FROES, 2002).

Demirdjian (2007) aponta que são várias as áreas abrangidas pelo empreendedorismo social, das quais podem-se destacar: (1) educação e inclusão digital; (2) moradia de baixo custo; (3) reciclagem e indústrias limpas; (4) agricultura e floresta; (5) uso da água e energias alternativas; (6) saúde e nutrição comunitárias; (7) educação e alfabetização; (8) diversidade e multiculturalismo; (9) oportunidades para deficientes e (10) serviços sociais em geral, (11) apoio ao empreendedorismo e microcrédito; e (12) direitos humanos. É fácil compreender como inovação radical baseada em tecnologia de baixo custo e criatividade deve ser incentivada e apoiada nestas áreas, e casos de sucesso divulgados juntos aos estudantes de graduação.

O empreendedorismo social pode ter diferentes abordagens. Pode ter foco na combinação de viabilidade comercial com transformação social gradual, tanto partindo de ONGs que criam subsidiárias comerciais quanto de empresas privadas que apóiam programas de geração de renda. Pode ter foco na inovação social e no impacto social desta inovação, com menor atenção para a viabilidade econômica das iniciativas. Pode ainda focar na catalisação de transformação social, com pequenas mudanças no curto prazo se transformando em grandes mudanças em prazos maiores (ALVORD, BROWN e LETTS, 2004).

Melo Neto e Froes (2002) argumentam que outra vertente do tema empreendedorismo social é a formação de redes. Para Dowbor (2006, p. 1) estas são formas inovadoras ou não de “organização da sinergia entre instituições financeiras de fomento, instituições de apoio tecnológico, de formação profissional, setores da academia, organizações da sociedade civil e outros atores do processo”. As redes proporcionam informação e recursos adicionais, necessários em diferentes fases de um empreendimento.

Os integrantes destes segmentos apresentam normas, crenças e valores que de certa forma distinguem-se das dominantes. Muitos de seus integrantes tendem a ver com certa desconfiança os procedimentos científicos reconhecidos pela comunidade acadêmica. Assim, cabe considerar a importância assumida pelas metodologias de pesquisa alternativas que podem ser adotadas na investigação do fenômeno empreendedor e no envolvimento do estudante de graduação com formas de empreendedorismo variadas e representativas da diversidade do fenômeno. Isto permite escapar de padrões hegemônicos e contribuir para que os pesquisadores melhor compreendam o mundo dos outros, que por vezes é o seu mesmo até

então não desvendado, e como lembra Brandão (1999) assimilem sua lógica e até mesmo sintam como eles sentem e descubram seu próprio sentimento reprimido.

3. A História de Vida Como Forma de Obtenção de Conhecimento Sobre o Fenômeno Empreendedor

A ciência da Administração constituiu-se num momento em que o Positivismo já dispunha de significativo prestígio. Respostas às questões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas que foram surgindo, relativas à nova disciplina, iam sendo procuradas nas obras que emprestavam fundamento àquela orientação. O Positivismo foi apresentado por seus autores como estágio da História Natural da Humanidade, e os pesquisadores no campo da Administração durante muito tempo sentiram-se seguros em relação a esta questão. Tanto é que as (poucas) obras referentes aos procedimentos de pesquisa em Administração que surgiram ao longo das seis primeiras décadas do século XX apresentavam os delineamentos possíveis de pesquisa sem maiores questionamentos acerca do seu alcance, validade e legitimidade.

Com a difusão das idéias apresentadas por Thomas S. Kuhn no livro *Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado em 1962, alguns pesquisadores em Administração passaram a questionar as bases em que se fundamentavam os trabalhos desenvolvidos até então. Ficou claro para eles que vinham trabalhando num período de ‘ciência normal’, o que os permitia trabalhar com relativa tranquilidade. Mas com o surgimento de novas teorias e modelos, perceberam a necessidade de entender os conhecimentos tradicionais de novas maneiras, como discorre Assis (1993). À medida que as pesquisas em Administração foram avançando para novos campos, passou-se a sentir também a necessidade de questionar o seu alcance e finalidade. Assim, o questionamento filosófico na Administração, que durante muito tempo ficou circunscrito praticamente ao campo da Ética passou a abranger também questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas.

O empreendedorismo é um dos campos da Administração que mais incentiva o debate epistemológico. Enquanto este foi entendido basicamente como atributo de pessoas criativas capazes de fazer sucesso com novos negócios – coerente com os princípios definidos pelos economistas liberais – os estudos foram desenvolvidos sem maiores questionamentos. Mas ao final do século XX manifestaram-se novas formas de empreender, e conseqüentemente, novas formas de compreender o empreendedorismo, como as mencionadas anteriormente. Integrantes de grupos sociais excluídos da economia formal mostram-se muito mais conscientes de sua condição e desejosos de alterá-la. Daí a necessidade de novas abordagens no estudo do empreendedorismo.

O paradigma positivista é insuficiente para abordar o empreendedorismo emergente nestes grupos, já que por vezes torna-se necessário envolver-se com os mesmos, estabelecer relações de confiança e porque o pesquisador com freqüência faz parte do grupo estudado.

Para os positivistas a realidade social é concreta, factual, objetiva. Pode, portanto, ser compreendida mediante o concurso de métodos e técnicas científicas, à semelhança do que ocorre no mundo da natureza. Assim, estudos experimentais e levantamentos de campo constituiriam estratégias adequadas para o entendimento dos fenômenos. Já para os interpretativistas, a realidade é subjetiva, é uma construção social, só podendo ser entendida mediante o envolvimento do pesquisador com o universo de símbolos e significados dos pesquisados. Para os marxistas, por fim, a realidade é histórica, devendo ser estudada levando-se em consideração principalmente as relações de produção que se estabelecem entre os seres humanos.

Na visão de Burrell e Morgan (1979), pode-se identificar quatro paradigmas utilizados nos estudos organizacionais, definidos com base em pressupostos acerca da natureza das

ciências sociais e da sociedade. O conhecimento proporcionado pela ciência social pode ser entendido como objetivo ou subjetivo. A sociedade, por sua vez, pode ser concebida em termos de ordem e conflito (regulação e mudança radical).

Com base na combinação dos pressupostos acima, definem-se os paradigmas (ou visões de mundo): 1) funcionalista, que supõe a posição objetiva da ciência social e de ordem (regulação) da sociedade; 2) interpretativista, que supõe a posição subjetiva da ciência social e de ordem (regulação ou adaptação) da sociedade; 3) estruturalista radical, que supõe a posição objetiva da ciência social e de mudança radical da sociedade (conflito); e 4) humanista radical, que supõe a posição subjetiva de ciência social e de mudança radical da sociedade (conflito).

Apesar das inúmeras críticas que o modelo de Burrell e Morgan sofreu, ele é aqui utilizado como referência para elucidar aspectos da evolução da história de vida como técnica ou como método de pesquisa. Assim, abaixo, após uma breve retrospectiva e considerações sobre o uso da história de vida na pesquisa social, procede-se à análise de sua aplicabilidade segundo os diferentes paradigmas.

3.1. A História de Vida, uma Breve Retrospectiva

A utilização da técnica de história de vida iniciou-se na década de 1930, na Universidade de Chicago. Aí trabalhavam sociólogos interessados no estudo de processos sociais descontrolados que ocorriam no âmbito das cidades em expansão. Esse período foi caracterizado por intensas migrações, sobretudo de poloneses, alemães, russos e italianos. Desenvolveu-se, então a história de vida como procedimento reconhecido como adequado para investigações reveladoras das mudanças culturais que estavam ocorrendo. A partir da década de 1960, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais (SPINDOLA e SANTOS, 2003).

Sua introdução no Brasil deu-se na década de 1950. Seu uso, no entanto, passou a receber fortes críticas, em virtude principalmente de sua origem na seara da Psicologia. O temor de muitos sociólogos era o de que os trabalhos desenvolvidos mediante sua aplicação passassem a enfatizar mais a relação da personalidade com o meio social do que os fatos sociais propriamente ditos. Tratava-se de uma preocupação nitidamente orientada com os princípios positivistas, segundo os quais os fatos sociais não poderiam ser explicados mediante instâncias psicológicas. O que fez com que nas décadas seguintes fosse pouco utilizada em pesquisas sociais, a despeito de sua defesa por notáveis pesquisadores (QUEIROZ, 1987).

3.2. A História de Vida e o Paradigma Funcionalista

O paradigma funcionalista é o dominante nas pesquisas em ciências sociais. Vinculado ao positivismo, adota como princípio que toda instituição social é funcional ou exerce uma função. As pesquisas desenvolvidas segundo esta orientação buscam identificar relações manifestas e latentes dos fenômenos sociais. Assim, o empreendedorismo pode ser entendido como atividade necessária para a estabilidade da sociedade, uma das alternativas para ocupação e geração de renda. Note-se até mesmo a tendência para definir o chamado empreendedorismo por necessidade, cuja função social fica bem manifesta.

A utilização de histórias de vida na pesquisa social foi encarada com suspeita pelos positivistas. Conforme relata Dollard (1935), seu uso primitivo deu-se no campo da Psicologia com vistas a estudar o ajustamento das personalidades ao contexto social, tendo sido considerado inapropriado na pesquisa sociológica. A principal crítica dos positivistas

refere-se à impossibilidade de um fato social ser explicado por instâncias psicológicas, conforme as regras definidas por Durkheim. Assim, até hoje pesquisadores de orientação positivista ou neo-positivista manifestam notável preferência pela utilização de levantamentos no estudo do empreendedorismo.

3.3. A História de Vida e o Paradigma Interpretativista.

O paradigma interpretativista parte do princípio que a realidade social não existe em termos concretos, mas é um produto das experiências subjetivas e intersubjetivas das pessoas. As pessoas é que constroem e mantêm simbolicamente a realidade. Dessa forma as pesquisas desenvolvidas sob esta ótica não têm como objetivo a busca da certeza nem a generalização absoluta. No contexto deste paradigma o empreendedorismo seria, portanto, estudado a partir da própria representação das pessoas. A unidade básica de análise desse fenômeno seria, portanto, a realidade simbólica compartilhada pelos sujeitos.

Neste paradigma, a história de vida aparece como técnica privilegiada, já que permite captar o que acontece no ponto em que se cruzam a vida individual e o contexto social. De acordo com Queiroz (1991), embora o pesquisador formule as questões ou elabore o roteiro temático, é o próprio narrador que decide o que narrar. Assim, ela possibilita a narrativa de cada um dos pesquisados, da maneira como eles a reconstróem e do modo como pretendem que sua vida seja narrada, conforme Bosi (1994). Os narradores é que dão forma e conteúdo às narrativas à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual elas são vividas. Trata-se, portanto, de uma das técnicas mais adequadas para conferir sentido à noção de processo, já que permite que o assunto seja estudado do ponto de vista de quem o vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos (HAGUETTE, 2003).

Na Europa já há alguns anos o estudo do empreendedorismo tem sido feito também com uma abordagem qualitativa, interpretativa e etnográfica. Steyaert (1997) atesta que a entrevista e a observação participante têm sido empregadas de forma extensiva para o estudo do fenômeno empreendedor. As histórias e exemplos recolhidos focam em compreender o empreendedorismo como um fenômeno em construção, um “devir” no sentido heideggeriano. Múltiplos atores em múltiplas cenas se juntam em um processo criativo, com mais surpresas possíveis do que padrões previsíveis.

3.4. A História de Vida e o Paradigma Estruturalista Radical

Os pesquisadores sociais de orientação marxista no Brasil sempre valorizam as histórias de vida. Reconhecem sua importância no estudo das mudanças qualitativas, que são consideradas fundamentais para o entendimento dos fenômenos. Florestan Fernandes, um dos maiores expoentes da Sociologia Crítica no Brasil não apenas defendeu seu uso, mas também as utilizou em algumas de suas mais celebradas pesquisas (FERNANDES, 1959 e 1978).

Constata-se, no entanto, a pouca aplicação do paradigma estruturalista radical no campo da Administração. O que pode ser explicado pela hegemonia da perspectiva weberiana nesse campo. São poucos, portanto, os trabalhos que tratam do empreendedorismo segundo uma perspectiva marxista. Mas esta abordagem apresenta amplo potencial de investigação no campo do empreendedorismo, sobretudo para analisar as forças e relações de produção, o desenvolvimento histórico do capitalismo, a divisão social do trabalho e os processos de exclusão social (GOLDMAN e VAN HOUTEN, 1977).

3.5. A História de Vida e o Paradigma Humanista Radical

O paradigma humanista radical está estruturado na combinação da visão subjetivista com a teoria da mudança radical. A ordem social é entendida como produto da coerção e não do consentimento. Assim, coloca sua ênfase na avaliação crítica da sociedade nas formas de destruir ou de transcender às limitações dos arranjos sociais existentes. Por consequência, as pesquisas sobre o empreendedorismo baseadas nesta perspectiva enfatizariam os modos de dominação, as potencialidades dos empreendedores, e, sobretudo a emancipação.

A história de vida brasileira era inicialmente um campo apenas de historiadores, no qual entraram em cena pesquisadores ligados a outras áreas (ICHIKAWA e SANTOS, 2006). Como há uma tradição de pesquisas junto a minorias e grupos menos favorecidos, a tendência é de que o número de estudos com o uso da história oral em que esta é ao mesmo tempo metodologia de pesquisa e maneira de cultivar a emancipação e a percepção de realidades opressoras e dominadoras venha a crescer. O que é forma de empreendedorismo social.

3.6. O Depoimento Pessoal para o Ensino e Aprendizado do Empreendedorismo

Para o ensino e aprendizado do empreendedorismo, talvez fosse mais adequado se falar em depoimentos pessoais, do que em história de vida. Estes se concentram sobre um lapso de tempo reduzido ou sobre um aspecto determinado da vida do depoente, permitindo o aprofundar detalhes a respeito deste espaço de tempo ou assunto, que revele as ações do indivíduo como agente humano e como participante da vida social (KOSMINSKY, 1986).

Segundo Queiroz (1987), a grande diferença entre história de vida e depoimento pessoal, reside na forma específica de agir do pesquisador. Ao colher um depoimento, o pesquisador conduz a entrevista, para da “vida” de seu informante, apreender os acontecimentos que se relacionam diretamente com seu trabalho ou empreendimento.

O êxito da técnica depende fundamentalmente da habilidade do entrevistador, que deve ser alguém que possa sentar calmamente e escutar, que esteja disposto a deixar o narrador expressar-se livremente, que seja perspicaz na condução da entrevista não tendo receio de interromper em determinados momentos com perguntas ou comentários (breves). Não é suficiente apenas o conhecimento intelectual do pesquisador, é necessário também conhecimento emocional (o qual só se adquire na realização das entrevistas).

Após a escolha dos sujeitos, antes da realização da entrevista propriamente dita, o pesquisador deverá estabelecer um primeiro contato com o futuro entrevistado a fim de explicar-lhe os objetivos do projeto a marcar a entrevista. Durante o convite, o entrevistado poderá receber um roteiro sobre o assunto, bem como quais os objetivos da entrevista.

Mesmo que a história de vida seja uma técnica que pressupõe liberdade ao narrador é necessário que o pesquisador elabore um roteiro de temas que pretende abordar. Obviamente este roteiro deve ser flexível e permitir a incorporação de temas que podem ocorrer durante a própria entrevista.

As decisões sobre data, horário e local de realização da entrevista dependem fundamentalmente do entrevistado. Um local onde possa sentir-se perfeitamente à vontade. Obviamente algumas condições devem ser observadas como local silencioso e sem interferências internas ou externas. É muito importante que o entrevistador antes de realizar a entrevista, tenha conhecimento prévio a respeito do entrevistado. O entrevistador deverá conhecer o máximo possível sobre seu informante, sua obra, sua experiência, a fim de possuir informações necessárias para em alguns momentos, se necessários, reavivar a memória de seu informante.

A entrevista ou tomada do depoimento deve ser conduzida com objetividade e integridade e sempre de acordo com o estabelecido, garantindo ao entrevistado a possibilidade de interromper a entrevista e de rever o texto antes de qualquer publicação.

4. A Trajetória de Vida de uma Empreendedora Social

Vale aqui mais uma vez lembrar que nesta pesquisa o depoimento pessoal não é a peça central, mas sim um exemplo de como ele pode ser usada para incentivar estudantes de graduação a fazerem exercícios de aprendizado de empreendedorismo fora de sala da aula.

Um dos autores da pesquisa já conhecia a depoente, por ter trabalhado na ONG como voluntário no passado. A Casa do Zezinho é uma entidade que atende 1200 crianças e adolescentes consideradas de alto risco social, em sua sede no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo. Sua presidente é Dagmar Garroux, a Tia Dag, formada em Pedagogia pela USP que sempre teve idéias inovadoras sobre educação, o que tornava difícil sua permanência em escolas tradicionais.

Ao chegar para a tomada do depoimento, em 4 de setembro de 2007, como o pesquisador já havia sido avisado de que a Tia Dag só dispunha de no máximo uma hora para a mesma, lhe foi entregue material recente com entrevista concedida para a Revista Conexões Urbanas. Em outros casos este poderia ter sido usado para confecção do trabalho final de pesquisa, o que não ocorreu aqui.

Foi então explicado à depoente o contexto do evento - o tema empreendedorismo, mais especificamente empreendedorismo social e que o depoimento seria o menos dirigido possível. Também foi ressaltado que a depoente poderia a qualquer momento solicitar que o depoimento fosse interrompido, que qualquer trecho fosse apagado e que teria direito a ler a pesquisa em sua versão final antes desta ser encaminhada a congressos ou periódicos.

O depoimento foi colhido utilizando um aparelho simples, que muitos jovens possuem, um conhecido “pen drive” tocador de mp3, que pode ser visto nos metrô e trens dos grandes centros, e servem também para gravar som ambiente com qualidade razoável.

O depoimento em si durou 37 minutos, tendo sido feita uma pergunta inicial versando sobre o que a depoente acreditava ser a origem de seu empreendedorismo social, de onde vinha o impulso e a energia para empreender. Todavia, ao longo do depoimento foram feitas breves intervenções para realinhar a conversa para o empreendedorismo social ao longo da vida da depoente (escola, faculdade, momento atual).

A técnica para apresentação dos resultados abaixo foi a de um resumo simples. Foram formados blocos de conceitos para ordenar as idéias que surgiram em cada resposta, sem uso de softwares complexos ou de transcrição literal, que toma muito tempo e poderia desestimular estudantes de graduação. Uma vez feito este agrupamento em conceitos voltou-se ao depoimento e foram retiradas as frases que mais chamaram a atenção, como uma forma de coroar o trabalho. As frases em *itálico* são transcrições literais de frases gravadas.

4.1. Família

A depoente dá grande peso à família no que tange à origem de seu comportamento empreendedor. Seu pai era engenheiro e sua mãe tecelã com formação apenas até o 3º ano primário, mas grande empreendedora. Construiu patrimônio sem possuir nenhum conhecimento acadêmico. Teve o primeiro *spa* de São Paulo, talvez do Brasil. Recolhia mendigos na rua, tratava-os e devolvia-os à sociedade com educação. As empregadas domésticas da família só ficavam três anos, pois eram formadas para depois ter como trabalhar em outras coisas.

Meus pais perderam tudo e reconstruíram tudo. Graças ao saber do pai e ao saber da mãe. Acho que meu impulso empreendedor vem de DNA.

A depoente considera seu pai e mãe como pessoas com olhares humanos, que precisavam curar a ferida, que precisavam qualificar. Apoiar gente a começar a própria vida. Vendia tudo o que fazia na vida. Considera que herdou do pai a elaboração de idéias complexas e da mãe o comércio. Vendia até os presentes que ganhava.

4.2. Inadequação

A depoente considera que não se adaptava às regras da sociedade da época, na qual a mulher era criada para ser “do lar”. Foi expulsa de três escolas, era considerada nas escolas a mulher que não ia dar certo, a que não ia ser boa mãe, etc. Seu pai a apoiava e dizia que a escola é que era ‘burra’. Sua primeira expulsão foi com oito anos, porque foi de pijama à escola, pois não gostava do uniforme. O pai foi chamado e disse que o uniforme era horrível mesmo.

4.3. Indignação

Desde pequena denunciava maus tratos de crianças ao Juizado. Na época da ditadura militar, na qual seu pai trabalhava em uma grande empresa, parou de denunciar para não o prejudicar.

Sou uma dessas brasileiras que nunca se conformou com a exclusão. Enquanto fica esta coisa de ilhas, o condomínio tal... Vamos para a Terceira Guerra Mundial, ricos contra pobres.

Escola não é democrática, pois o jovem pobre não tem como disputar mercado com o jovem da escola particular.

Fato é que o saber do homem do campo não vale nada na cidade. A televisão entra e ele não recebe mais educação nem pode passar o seu saber adiante.

A depoente volta em outros pontos da entrevista à questão de sua indignação com a miséria e com os meninos ameaçados de morte por grupos de extermínio na época do regime militar. Fala também de sua indignação pelo fato do saber do homem do campo nada valer na cidade e de que seu filho (o do homem do campo), ao chegar na cidade, aceita a autoridade da televisão e cede à pressão do consumo, muitas vezes começando a roubar para ter acesso aos seus objetos de desejo.

4.4. Liderança Social

Desde o ensino médio uma pedagoga percebeu sua capacidade de liderança e lhe deu a presidência do grêmio, solicitando então habilmente em troca para que ela tivesse determinadas posturas. Pois ela era muito bagunceira, colava dentaduras de professoras com balas, colocava sapinhos no café das visitas, baratas no gelo, etc. Foi uma das primeiras a fazer judô e jogar futebol.

Ela havia organizado a primeira greve da escola, da turma de educação física. Isso porque não dava tempo de tirar o tênis e lavar o pé para voltar para a aula. Organizaram uma caminhada no entorno da escola para poder entrar na sala de tênis. Conseguiram fazer valer a reivindicação.

Fazia suco para vender na porta de casa, limpava jardim dos outros, entrava em lojas para pedir emprego, tinha um desejo louco de independência.

Na faculdade, novamente foi presidente do grêmio. Durante a ditadura militar visitava o Vale do Ribeira. Lembra-se do concerto de uma roda gigante, pois só havia isto na cidade em que estiveram. Lembra-se também de terem brigado muito com o Juizado de Menores e com a FEBEM.

Pertencia a um grupo de vanguarda na faculdade, que se preocupava com o que acontecia no país. Meu grupo era quem não fazia dever de casa. Eu fazia e determinava tarefas dos outros nos nossos empreendimentos comuns. Sempre tive esta coisa... Eu vou fazer... Pouco planejamento e muita ação. Como estou sempre na liderança, sempre na capitania de alguma coisa, identificava as potencialidades dos outros e delegava.

4.5. Valores, Ética e Responsabilidade Social

Tenho em comum com os empreendedores os valores humanos. Quero investir em novos cursos. Para que todos os funcionários tenham ambição social. Em comum com empresários tenho o anseio de dividir o lucro. Colocar em cursos, transformar o faxineiro em técnico de limpeza. Empreendedorismo começa em casa com a ajuda ao progresso da empregada.

Eu vi a favela de pobre se transformar em miserável e na comunidade violenta que é. Estive em favela para construir. Invadi. Transformei a Favela do Fedor. A favela descia na minha casa. Comecei a esconder criança. Foi me dando um negócio... Me dando um negócio... Quando a casa estava com muito filho, procuramos uma casa para alugar e decidi trabalhar para quem quer. Não é para qualquer um. É para criança de risco e que quer sonhar.

Não tenho plano em planilha, mas tenho visão. A noção de visão faz com que eu vá buscar mais.

Eu posso aprender com os excluídos e ensinar aos excluídos. A favela usando o TetraPak para construir casa e aquecedor. Porque não olham isso?

Meu lucro é ver um Zezinho fazendo o que quer. Pode até ser ter um carrinho de pipoca. Mas pipoqueiro com neón. Acabar com a mentalidade de servidor e virar prestador de serviço. O diabo pensa em linha reta. Eu penso em espiral. Zezinhos fazendo faculdade, donos de academia, de curso de informática.

4.6. Obstáculos

A depoente relatou que teve dificuldades depois da faculdade, que não conseguia emprego, pois não acreditava no conteúdo da educação formal. Até hoje não acredita. Acha que as pessoas conhecem apenas a classe média e não conhecem a periferia e quem vive

abaixo da linha da pobreza. Afirma que só não estamos numa guerra, pois há o trabalho de ONG's e o trabalho do Terceiro Setor e de empresas socialmente responsáveis.

A depoente afirmou que suas maiores dificuldades relacionam-se ao aspecto legal e contábil de uma organização do Terceiro Setor. Que tropeçou muito, mas estudou e que continua estudando. No momento segundo ela, línguas estrangeiras.

Ânsia de saber é a primeira coisa para um empreendedor. Quando eu não sei é morte.

5. Conclusão

A história de vida pode oferecer muita riqueza e informação detalhada sobre o comportamento empreendedor e sobre o conhecimento tácito e explícito dos empreendedores. Trata-se de uma técnica que necessita complementação de outras quando usada para a pesquisa científica. Queiroz (1991) ressalta que a utilização de várias fontes é específica das ciências sociais principalmente quando se quer abarcar de forma ampla a realidade a ser estudada. Mesmo os maiores entusiastas da história de vida, reconhecem que a utilização única da técnica resulta em trabalhos limitados, uma vez que “nem a escrita do pesquisador, nem o gravador registram o local onde se passa o colóquio, ou o local onde o informante habita, amputando o material de uma preciosa messe que pode encerrar detalhes primordiais” (QUEIROZ, 1987, p. 278)

Isto não diminui sua importância da mesma para o ensino e aprendizado do empreendedorismo, uma vez que o objetivo aqui é colocar o aluno de graduação em contato com diferentes realidades. Ciência pode ser o compreender (*verstehen*) no sentido de Max Weber, uma exploração do campo para gerar motivação e aproximação com a realidade. E a interpretação das ações e interações dos respondentes por meio da construção de conceitos que permitem melhor entender como eles conduzem sua vida social e empresarial.

Da mesma maneira que nesta pesquisa o depoimento pessoal foi obtido com um empreendedor social, bem como poderia ter sido com outros membros empreendedores de diversas subculturas ou mesmo das correntes mais tradicionais de empreendedorismo. O que os pesquisadores consideram mais importante é, alinhado às observações de Rae (2005,) a proposta de aprender com e para os empreendedores, a fim de que se possa ensinar e preparar aos jovens para o empreendedorismo em vez de ensinar apenas sobre o empreendedorismo.

Há necessidade de um modelo de ensino e aprendizado de empreendedorismo que seja contextualizado, baseado em desenvolvimento pessoal e estimulador de empreendedorismo. Esta possibilidade dada ao jovem de reconhecer empreendedores dentro de contextos sociais similares ao seu e de reconhecer comportamentos sociais e grupais similares aos seus, observando-os como comportamentos empreendedores, permite que distâncias sejam diminuídas e novas e simples oportunidades de negócios sejam identificadas e exploradas.

Segundo Oppedisano e Laird (2006), indivíduos que interagem com pessoas como eles mesmos aumentam as chances de se identificarem com aqueles papéis e comportamentos. Estudantes tomam relatos orais feitos por empreendedores com quem eles se identificam como modelos mais fortes para gerar compreensão do processo de tomada de decisão e escolha em ambientes de pouca informação, e ainda sobre como se tornar donos do próprio destino. Ou mesmo para aceitar riscos para que possam se comportar da maneira como é esperado deles dentro da maioria das empresas, ou seja, de forma ousada e empreendedora.

Referências

- AHL, H. Why research on women entrepreneurs needs new directions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, Baylor University, p. 595-619, Sep. 2006.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital social e desenvolvimento local. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. M. (orgs.). **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 423-440.
- ALVORD, S. A.; BROWN, L. D.; LETTS, C. W. Social entrepreneurship and societal transformation: An exploratory study. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 40, n. 3, p. 260-282, 2004.
- ASSIS, J. E. P. Kuhn e as ciências sociais. **Revista Estudos Avançados**, v. 7, n. 19, p.133-164, 1993.
- BAUGHN, C. C.; CHUA, B.; NEUPERT, K. The normative context for women's participation in entrepreneurship: A multicountry study. **Entrepreneurship Theory and Practice**, Baylor University, Sep. 2006.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOXILL, I. Unearthing black entrepreneurship in the Caribbean: Exploring the culture and MSE sectors. **Equal Opportunities International**, v. 22, n. 11, p. 32-45, 2003.
- BRADBURY, H. Sustaining inner and outer worlds: A whole-systems approach. **Journal of Management Education**. n. 27, p. 172-197, abr. 2003.
- BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.7-14.
- BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.
- DEMIRDJIAN, Z. S. Social entrepreneurship: Sustainable solutions to societal problems. **Journal of American Academy of Business**, Cambridge, v. 11, n. 1, p. 1-2, mar. 2007.
- DOLLARD, J. **Criteria for the life history, with analysis of six notable documents**. New Haven: Yale University Press, 1935.
- DOWBOR, L. **Redes de apoio ao desenvolvimento local: uma estratégia de inclusão produtiva**. 2006. Disponível em: <<http://dowbor.org/artigos.asp>>. Acesso em: 29 ago. 2007.
- FERNANDES, F. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. In: FERNANDES, F. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1959.
- _____. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.
- GOLDMAN, P.; VAN HOUTEN, Donald R. Managerial strategies and the worker: a marxist analysis of bureaucracy. **The Sociological Quarterly**, v. 18, n. 1, p. 108-125, 1977.
- GREVE, A.; SALAFF, J. W. Social networks and entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, Baylor University, outono, 2003.
- HAGUETTE, T. C. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Metodologias, recursos e práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXX., 2006, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral á pesquisa organizacional. In: GODOI, C. K.; BENDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- JENKINS, T. Revitalizing rural América: One community at a time. **Rural Telecommunications**, v. 24, n. 6, p. 28-33, nov./dez. 2005.
- JOHNSON, D.; CRAIG, J. B. L.; HILDEBRAND, R. Entrepreneurship education: towards a discipline-based framework. **The Journal of Management Development**, v. 25, n. 1, p. 40, 2006.

KOSMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 38, n. 1, jan. 1986.

LINDO, M. R.; CARDOSO, P. M.; RODRIGUES, M. E.; WETZEL, U. Vida pessoal e vida profissional: Os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **RAC-E**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2007.

LINDSAY, N. J. Toward a cultural model of indigenous entrepreneurial attitude **Academy of Marketing Science Review**, v. 5, 2005 Disponível em: <<http://www.amsreview.org/articles/lindsay05-2005.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2007.

MARTINEZ, I. B.; PIRES, M. L. L. S. Cooperativas e revitalização dos espaços rurais: Uma perspectiva empresarial e associativa. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 19 n. 1, p. 99-118, 2002.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo social: A transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

OLSON, J. M. Are artisanal cooperatives in Guatemala unraveling? **Human Organization**, v. 58, n. 1, p. 54-66, Spring 1999.

OPPEDISANO, J.; LAIRD, K. Role modeling as a pedagogical strategy in entrepreneurship education for women and girls: An interactive model of transformational learning. **New England Journal of Entrepreneurship**, v. 9, p. 2-35, Fall 2006.

PEREIRA, F. I. Uma investigação empírica do conhecimento como meio de promoção do empreendedorismo social nas comunidades indígenas amazônicas In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO DO CONHECIMENTO, VI., **Anais...** Curitiba, 2003.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: Do “indivisível” ao “divisível”. **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 39, n. 3, mar. 1987.

_____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RAE, D. Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 12, n. 3, p. 323, 2005.

SELA, V. M.; SELA, F. E. R.; FRANZINI D. Q. Ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento econômico e social sustentável. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXX., 2006, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S.; Trabalhando com a história de vida: Percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista Escola Enfermagem USP**, v. 37, n. 2, p. 119-26, 2003.

STEYAERT, C. A qualitative methodology for process studies of entrepreneurship. **International Studies of Management & Organization**. White Plains, v. 27, n. 3, p. 13-21, Fall 1997.

THOMAS, A. The rise of social cooperatives in Italy. **International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 15, n. 3, p. 243-263, Set. 2004.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro/SOLTEC/NUPEM,. **Pesquisa-ação na cadeia produtiva da pesca em Macaé - Relatório 2**, 2005. Disponível em: <<http://www.soltec.poli.ufrj.br/relatoriodepesquisa.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2007.

WILLSDON, J. Homosexual entrepreneurs. **Irish Journal of Management**, v. 26, n. 1, 2005.